

O Filme Jango: memória e história

LUCILIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO*

Memória, História e construção do esquecimento

O conhecimento e análise da trajetória humana em múltiplas temporalidades é objeto peculiar da História. O historiador, ao deslocar seu olhar crítico para o passado, procura compreender as ações dos sujeitos históricos, suas motivações e as condições nas quais foram empreendidas. Busca também entender o registro dessas ações, através da análise crítica das fontes documentais preservadas ou mal conservadas e também das razões que levaram, quando é o caso, à sua destruição ou abandono. Ao fazê-lo, muitas vezes, dialoga com manifestações da memória caracterizadas por conflitos, lembranças, esquecimentos, silêncios e comemorações. Trata-se, como afirma Paul Ricoeur do movimento dialético que caracteriza as relações entre esquecimento e lembrança, sempre presente na condição histórica (RICOEUR, 2000).

De acordo com José Carlos Reis o conhecimento histórico e também a memória, são campos sempre permeáveis aos interesses dos sujeitos individuais e coletivos, que atuam nas diversas conjunturas, nas quais o homem constrói o processar da História (REIS, 1994). São também terrenos férteis para expressão de disputas políticas, sociais e, sobretudo, de registros das práticas de exercício do poder. História e memória são altamente seletivas. A prevalência da rememoração ou do esquecimento apresenta ressonância significativa no conteúdo da produção historiográfica, que se entrelaça à memória coletiva.

Para Lucilia Neves Delgado, história, tempo e memória são processos interligados, nos quais o tempo da memória ultrapassa o tempo individual e se encontra com a história das sociedades. Essa correlação explica porque alguns indivíduos se reportam a determinados contextos de forma saudosista mesmo sem os ter vivenciado e desqualificam outros sem deles terem sido contemporâneos. Tal postura, inúmeras vezes, é explicativa da valorização e exaltação de algumas conjunturas e/ou processos históricos e da desqualificação e esquecimento tácito de outros (DELGADO, 2006).

* Universidade de Brasília (UnB). Doutora pela Universidade de São Paulo (USP)

O Filme Jango e a reconstrução de uma memória silenciada

O presente artigo integra análises resultantes do projeto de pesquisa, *Historiografia, História e Memória: O Governo João Goulart e o golpe de 1964*, que ora desenvolvo na Universidade de Brasília. Analisa a relação história, memória e esquecimento, tomando como referência principal o filme Jango de Silvio Tendler, lançado em circuito nacional em 1984 e relançado na forma de DVD no ano de 2010, em caixa dupla, da qual consta também o filme JK, do mesmo diretor. A idéia nuclear que o orienta é a de o filme Jango apresenta inquestionável valor histórico. É pioneiro registro audiovisual sobre a trajetória do ex-presidente e também fonte fundamental para a análise histórica sobre sua inserção na História do Brasil. É também importante contribuição para a reconstrução de uma memória história sobre os anos em que o ex-presidente atuou em profícua inter-relação com de políticos do Partido Trabalhista Brasileiro, de forças do movimento sindical e de inúmeras organizações da sociedade civil. Sua relevância também decorre do fato de duas outras constatações. A de que a produção histórica e memorial sobre a trajetória política de João Goulart é ainda pouco expressiva. E ao fato de se contrapor, de forma pioneira, a um movimento que induziu o senso comum a incorporar interpretações que, além de omitirem realizações de João Goulart como político o desqualifica como pessoa e como homem público¹.

O período do nacional desenvolvimentismo no Brasil tem sido contemplado por produção historiográfica bastante significativa, com destaque especial para a atuação dos presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubistchek analisados, de forma recorrente, pela historiografia brasileira. A mesma ênfase não acontece em relação a João Goulart, que por razões diversas tem sido relegado a um segundo plano pela produção historiográfica e também pela memória coletiva nacional. Todavia, Jango foi um dos principais líderes trabalhistas do Brasil. Orientou, com indiscutível coerência, sua prática política por uma opção de consolidação renovada da herança varguista e pela

¹No que concerne à questão da desqualificação e esquecimento referentes a João Goulart, consideramos que as idéias apresentadas no presente artigo aproximam-se das análises desenvolvidas por Carlos Fico, no livro, *O grande irmão. Da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. PP 67-74 e também por Angela de Castro Gomes em artigo intitulado: “Memórias em disputa: Jango Ministro do Trabalho ou dos trabalhadores?”. In: Ferreira, Marieta de Moraes (org) *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

adoção e apoio a iniciativas destinadas à ampliação da cidadania social e à defesa dos interesses econômicos nacionais. Seu mandato presidencial, contudo, foi marcado por forte efervescência e instabilidade política relacionadas:

- ao fato de que ao se tornar o principal depositário da tradição trabalhista de Vargas também herdou seus opositores. Além disso, as forças oposicionistas não lhe deram nenhuma trégua, pois Jango amalgamou ao trabalhismo varguista real preocupação com um reformismo social amplo e transformador da realidade.

- às condições excepcionais que predominaram durante todo seu mandato presidencial. Sua posse aconteceu em um contexto de crise, deflagrada pela ação de seus adversários políticos. Sob a égide da crise governou por três anos. A princípio, sob a vigência de um sistema de governo parlamentarista que limitava seus poderes. Em seguida, recuperada sua plena capacidade governamental, em um sistema de governo presidencialista, em um contexto, contudo, marcado por inegável polarização política, nacional e internacional.

Na verdade, manifestações sociais mais autônomas que sempre foram mal absorvidas pelo processo político brasileiro, no governo de João Goulart cresceram em número e diversidade e ganharam maior densidade e capacidade de pressão. Na esfera da sociedade civil, no campo do reformismo social, destacaram-se, por exemplo, a atuação cotidiana das ligas camponesas, do movimento estudantil e das organizações sindicais. Em uma conjuntura marcada pela guerra fria, o crescimento expressivo de manifestações organizadas por essas associações, reivindicando reformulações expressivas nas políticas públicas sociais e na relação governamental com os investidores estrangeiros, contribuiu para o adensamento de uma polarização política bastante peculiar àquele tempo de dicotomia internacional.

Como presidente, João Goulart atuou, com firmeza, no escopo da democracia política, pela efetivação de uma democracia social no Brasil. Tal orientação governamental, apesar de considerada moderada por alguns segmentos do movimento social nacionalista e reformista, trouxe real desconforto aos conservadores que com ela não concordavam. Destacaram-se entre eles: a União Democrática Nacional (UDN), setores das forças armadas, igreja católica conservadora, proprietários rurais, a maior parte do empresariado nacional e investidores internacionais. Uniram-se em forte atuação desestabilizadora de seu governo, que culminou com o golpe que o destituiu.

Antes e depois do golpe de 1964 não foram poucas as iniciativas que provocaram e induziram à desqualificação do presidente João Goulart e de sua trajetória política. Foram desenvolvidas, com eficácia crescente, por seus opositores desde sua posse como Ministro do Trabalho em 1953. Estenderam-se, com vigor, à conjuntura pré 1964 e ganharam fôlego nos anos seqüentes ao golpe que o depôs. A elas se somou um silêncio que urdiu um esquecimento consoante com o objetivo dos responsáveis pelo regime autoritário de legitimar suas ações.

A grande imprensa, também acabou por contribuir com essa linha de ação. Por muitos anos desconsiderou a possibilidade de trazer à tona qualquer notícia referente ao presidente Goulart.

À época do regime militar a justificativa tácita para essa linha editorial, adotada por jornais, rádios e televisões brasileiras, poderia ser explicada pelo controle governamental dos meios de comunicação de massa e pela necessidade de sobrevivência em tempos de arbítrio. Única exceção a essa orientação aconteceu em 1976, quando o ex-presidente faleceu no exílio. O noticiário sobre a morte de João Goulart, censurado pelo governo federal, foi bastante acanhado e traduziu não mais que a obrigação jornalística de informar. Passado o momento do calor da notícia, um forte e recorrente silêncio continuou a predominar em relação a toda e qualquer referência ao político trabalhista, que foi deputado federal, ministro de estado, vice-presidente e presidente da República.

Mais instigante ainda é o fato de que até os dias atuais, passados mais de vinte anos de encerramento do período da ditadura, poucos órgãos de imprensa se interessem em divulgar notícias referentes ao presidente Goulart. No ano de 2006, quando se completaram trinta anos de sua morte o noticiário foi escasso, acanhado e displicente. No ano de 2008 quando a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça concedeu, tardiamente, pensão de viúva de presidente da república à Maria Tereza Goulart, esposa de Jango, pequenas notas esparsas e curtas deram conhecimento público a essa medida oficial. Nenhuma análise mais expressiva foi esboçada e o assunto voltou ao espaço do limbo. No primeiro decênio do século XXI, exceção exemplar à regra tem sido a revista *Carta Capital* que em duas ocasiões recentes, trouxe como matéria de capa, chamadas referentes à morte do ex-presidente²

²As reportagens: “A Obscura Morte de Jango”. *Carta Capital*, nº 537, 18 de março de 2009 e “A viúva,

No meio acadêmico, também não tem sido muito diferente. Somente nos últimos cinco anos, começou a crescer, de forma mais expressiva, a produção sobre temas referentes à trajetória política do ex- presidente, seu mandato presidencial e sua postura no contexto político de sua destituição. Tal movimento, ainda que tardio e necessário, baseia-se, primordialmente, em duas explicações:

- motivação relacionada às efemérides referentes aos quarenta anos do golpe civil e militar, em 2004 e aos trinta anos da morte de João Goulart, em 2006;

- formação universitária de uma nova geração de historiadores, cientistas políticos e sociólogos, que se somaram aos poucos, mas importantes esforços de pesquisa e análise anteriormente desenvolvidos sobre a conjuntura do Governo Goulart e sobre o golpe político que o encerrou.

João Belchior Marques Goulart, Presidente da República, empossado em agosto de 1961 e deposto por um golpe político em 1964 pode, portanto, ser considerado um injustiçado pela história.

Portanto o filme *Jango* destaca-se como documentário que busca contribuir para a reparação dessa injustiça. Assim, em 1984, no mesmo ano da campanha das diretas, quando o filme *Jango*, dirigido por Silvio Tendler chegou aos cinemas a inércia em relação ao esquecimento imposto e reproduzido sobre o ex-presidente foi abalada. Historiadores, interessados em melhor entender e interpretar sua trajetória política e seu mandato presidencial, encontraram no filme importante documento e fértil abordagem. Importante documento, pois reúne imagens, depoimentos e narrativas sobre a conjuntura histórica na qual João Goulart atuou. Fértil abordagem, pois contraditória à versão difundida de que Jango foi um político demagógico, populista e ineficiente.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o filme *Jango* tem enorme importância na divulgação de conhecimentos sobre a História do Brasil na segunda metade do Século XX, em especial no que se refere ao período de 1950 a 1964. Sua relevância é, de fato, especial, pois pode ser utilizado em aulas de História do Brasil República, tanto no nível médio como em universidades. Por ser instigante estimula o debate. Por ser rico em imagens estimula a busca por um conhecimento melhor

Jango e a súbita morte.” *Carta Capital*, nº 550, 17 de junho de 2009, sugerem explicações diferentes à da versão oficial sobre a morte de João Goulart.

elaborado sobre os férteis e efervescentes anos que compreendem o segundo mandato presidencial da Getúlio Vargas, os anos JK e os governos de Jânio Quadros e João Goulart, quando presidentes da República.

O filme *Jango* acompanha a trajetória política do ex-presidente Goulart inserindo-a na trama complexa que constituiu o processo político brasileiro nos anos que antecederam o golpe político de 1964 e à implantação de um regime político autoritário no Brasil. Foram anos marcados por fortes conflitos ideológicos e por efervescente mobilização da sociedade civil, dos partidos políticos e das forças armadas. O filme vai jus à importância histórica dessa conjuntura, pois suas imagens apresentam, com dinamismo inédito a documentários, essa realidade complexa e altamente explosiva que a caracterizou.

A opção de apresentação de um painel da história, e não somente um enfoque personalista adotada pelo diretor atende a diferentes objetivos. Entre eles destaca-se o de trazer ao conhecimento do público que o assiste o registro da biografia política do presidente Goulart inserida na dinâmica da história. Trata-se, portanto de uma abordagem, que destaca a trajetória do presidente, mas não de uma forma exclusivamente personalista. Ao contrário sua biografia ganha significado especial, pois integrada ao sentido coletivo da História.

De acordo com Alfredo Dias D’Almeida para alcançar esse intento, Tandler também optou por realizar as filmagens do documentário combinando dois modos de registro audiovisual da história: o modo expositivo que reúne fragmentos do processo histórico em uma forma mais retórica ou argumentativa e o modo participativo que faz do narrador um interlocutor privilegiado com o espectador. O modo participativo supõe a interferência e engajamento do cineasta. Busca também estimular, pela apresentação das imagens e pela utilização de recursos sonoros, reflexões sobre o assunto apresentado (D’ALMEIDA, 2006).

A competência de Tandler para execução desses objetivos é digna de elogios. A voz de José Wilker como narrador transmite emoção, instiga reflexões e estimula adesão à pessoa de João Goulart. A trilha sonora do filme traz a música *Coração de Estudante*, composta por Milton Nascimento e Wagner Tiso e interpretada pelo próprio Milton Nascimento. A canção, sem dúvida, mobiliza as pessoas para o acompanhamento de uma trajetória pessoal e política que foi esquecida e também

desqualificada. Essa mesma música veio a se tornar hino das diretas e depois, ficou associada à morte de Tancredo Neves, que foi Primeiro Ministro na fase parlamentarista do governo de João Goulart.

Portanto, o filme sugere ao inconsciente coletivo a realização de um trânsito entre o passado recente do Brasil e as mobilizações do tempo presente pela articulação inevitável entre o ontem e hoje. As imagens são presentificadas pela música e por expectativas conjunturais de reconstrução da democracia política no Brasil que mobilizaram a sociedade brasileira em 1984.

A trajetória de Jango é associada a um projeto político de reformas que buscava contemplar a justiça social e também à defesa de interesses nacionais e à preocupação com povos e países do terceiro mundo. O filme, de fato, é informado pela visão oferecida pela esquerda. Uma esquerda que, na conjuntura dos anos Jango era representada, de forma hegemônica, pelas propostas de dois partidos: o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Esse último crescentemente reformista e nacionalista. A vinculação de Jango a um projeto de forte cunho transformador, ganha dimensão positiva pela voz de Wilker. Sua narração confere especial significado aos momentos de dificuldades estruturais e também às realizações, pouco divulgadas e conhecidas, com a criação da Universidade de Brasília (UNB), a criação da Eletrobrás e instituição do Estatuto do Trabalhador Rural que integram a trajetória do presidente.

O filme atua como um contraditório às versões que desqualificam João Goulart. Nesse sentido, faz com que uma visão positiva sobre o presidente ganhe expressão privilegiada. A maioria dos depoimentos que integram o documentário é elogiosa ao ex-presidente e destacam tanto sua capacidade de articulação política junto aos movimentos sociais como sua incansável preocupação social. Entre os depoentes destacam-se Raul Riff, secretário de imprensa de Goulart; Aldo Arantes, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE); Francisco Julião, ex-líder da Ligas Camponesas; Gregório Bezerra, ex-militante do PCB e Leonel Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul.

Todavia, a expressão de versões críticas ao mandato de João Goulart na Presidência da República não deixam de ser contempladas pelo diretor do documentário. Ganham relevante expressão pelo contundente depoimento do General

Muriçy e por imagens de manifestações políticas do ex-governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto e do ex-governador do antigo estado da Guanabara, Carlos Lacerda. Os três integraram a aliança política que foi formada para se opor a Jango e para, em seguida, depô-lo.

O cineasta acompanha a vida de Goulart desde sua eleição, como deputado estadual em 1947. Passa por seu mandato como deputado federal, nos anos de 1950 e agrega suas atuações como Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, vice-presidente de Juscelino Kubistchek e de Jânio Quadros e, por fim, Presidente da República. Tandler identifica no ex-presidente características opostas à da incompetência e demagogia difundidas pelo regime militar.

O documentário inicia com a visita oficial de Goulart à República Popular da China quando era vice-presidente, em 1961. Essa visita, precedida de outra à União Soviética, na segunda metade da década de 1950, foi, naquele tempo da guerra fria, considerada por políticos e militares conservadores uma confirmação da opção à esquerda do futuro presidente. Desde 1953 quando foi Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas João Goulart era visto com desconfiança pelos setores conservadores da política brasileira. Consideravam-no um político que, ao dialogar com comunistas, deles se aproximava. A visita de Jango aos dois maiores países socialistas do mundo, em ao término da Segunda Guerra Mundial foi por eles interpretada como uma forma de adesão do presidente a valores não somente da justiça social, mas de teor ideológico mais à esquerda.

Em seguida são apresentadas as seguintes cenas: tentativa de impedimento de sua posse como Presidente da República, após a renúncia de Jânio Quadros; implantação do parlamentarismo; campanhas de oposição ao seu governo; manifestações populares em defesa das reformas de base; rebelião de marinheiros já em 1964, famoso e derradeiro comício em apoio a Jango e às reformas sociais, no dia 13 de março, sexta feira naquele mesmo ano e marchas com Deus pela família e pela liberdade, em oposição ao seu governo e à sua orientação política.

Acontece o golpe e o filme ganha atualidade e dramaticidade. São buscadas imagens de Tancredo Neves que, no ano de 1984, despontava como candidato civil de oposição ao regime militar. Essas imagens o apresentam despedindo-se de Getúlio Vargas e de João Goulart em seus enterros em São Borja. O primeiro em 1954,

quando do suicídio do presidente e o segundo, com caixão lacrado, por ordem dos militares, em 1976. O drama histórico encontra-se na morte dos dois ex-presidentes. Vargas suicidou-se e Jango morreu no exílio, onde amargava forte depressão e sérios problemas cardíacos. A atualidade refere-se à campanha pelas diretas e à candidatura de Tancredo Neves á Presidência da República. Tandler não se exime de demonstrar sua reverência histórica pelos dois presidentes, ambos trabalhistas históricos, e também sua simpatia por Tancredo Neves.

Após contundentes imagens sobre o golpe de 1964 o filme apresenta imagens- denúncias da ditadura militar. São manifestações e protestos de estudantes, enterro do jovem Edson Luís, morto em 1968, em um restaurante estudantil no Rio de Janeiro e cenas do fechamento do Congresso Nacional, também em 1968.

A busca pela reconstrução e requalificação da memória sobre João Goulart e o registro interpretativo da história sobre a conjuntura de 1950 a 1964 são parceiros no filme de Tandler. Construção de uma memória de resistência e de contradição a uma versão oficial da história que procurou apagar qualquer registro positivo sobre a presença de João Belchior Marques Goulart na História do Brasil.

Tandler se opôs ao silêncio, à construção do esquecimento e à desqualificação construídas pelo discurso do poder instituído em 1964. Discurso que buscava legitimar o arbítrio e justificar a deposição do ex-presidente em 1964.

O filme Jango termina com uma bela, triste e derradeira imagem que busca sensibilizar o público e conquistar sua adesão para a causa de reconstrução da memória sobre João Goulart. Sobre o túmulo do presidente João Belchior Marques Goulart são sobrepostos versos do compositor Fernando Brant:

*Os acontecimentos daqueles dias
Ainda estão claros na memória:
Fechado no escuro do quarto,
Querendo fugir do mundo
Que me chegava pelo rádio,
Eu, pouco mais que um menino,
Chorava como se fosse morte
A viagem-fuga do Presidente Jango.
Os anos passados, a maturidade
e a visão diária da injustiça e do ódio,*

*da opressão, da mentira e do medo,
me levam agora, adulto,
em nome da verdade e da história,
a reafirmar o menino:
as lágrimas derramadas em 64
continuam justas.*

Referências Bibliográficas

- CARTA CAPITAL. *A obscura morte de Jango*. São Paulo: Carta Capital, 18 de março de 2009.
- CARTA CAPITAL. *A viúva, Jango e a súbita morte*. São Paulo: Carta Capital, 17 de junho de 2009.
- D'ALMEIDA, Alfredo Dias. *De Jango, de Silvio Tendler, a Salvador Allende, de Patrício Guzmán, o documentário como ferramenta para a construção de memórias adormecidas*. São Bernardo: UNESCOM, 2006.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- FICO, Carlos. *O grande irmão. Da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. PP 67-74
- GOMES, Angela de Castro. Memórias em disputa: Jango Ministro do Trabalho ou dos trabalhadores? In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org) *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papirus, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2000.